



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PSICOLOGIA, AVALIAÇÃO E ATENÇÃO À**  
**SAÚDE**

**AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: FATORES ASSOCIADOS E**  
**CONTEXTO ESCOLAR**

Kaline Brandão Ribeiro de Almeida

Orientadora: Silvana Batista Gaino

Co-orientadora: Cristiane Ajnamei Dos Santos Alfaya

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo,  
elaborado de acordo com as normas da revista  
“Subjetividades”.

Santo Antônio de Jesus, 04 de maio de 2021

**BAREMA**

Data da defesa: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Discente: Kaline Brandão Ribeiro de Almeida

Membro da banca: \_\_\_\_\_

**ARTIGO (TCC)**

<b>Crítérios</b>	<b>Pontuação máxima</b>	<b>Nota</b>
Introdução clara, com justificativa e objetivos bem definidos	1,5	
Delineamento metodológico	1,5	
Adequação dos resultados	1,5	
Estruturação da discussão	1,5	
Seguimento das normas da ABNT/APA (ou outra norma estabelecida pela revista), ortografia e gramática	1,0	
<b>Sub-total</b>	<b>7,0</b>	

**APRESENTAÇÃO ORAL**

<b>Crítérios</b>	<b>Pontuação máxima</b>	<b>Nota</b>
Clareza, objetividade e sequência lógica de ideias	1,0	
Coerência entre apresentação oral e o manuscrito	1,0	
Domínio do conteúdo apresentado	1,0	
<b>Sub-total</b>	<b>3,0</b>	
<b>Total (Artigo + Apresentação oral)</b>	<b>10,0</b>	

**Situação final:**

**Aprovado**

**Reprovado**

**Aprovado com Ressalvas\***

**\*Ressalvas:**

\_\_\_\_\_  
Assinatura do membro da banca

# **AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: FATORES ASSOCIADOS E CONTEXTO ESCOLAR**

## **RESUMO**

A adolescência, como etapa e ciclo do desenvolvimento do ser humano, traz uma infinidade de questionamentos e crises. A automutilação pode ser uma estratégia para a expressão de conteúdos psicoemocionais, além de comunicar e expressar as relações e vivências com a escola/professores, com a família e com seus pares. Neste estudo buscou-se compreender quais os fatores associados e a relação com o contexto escolar acerca da automutilação na adolescência por meio de revisão integrativa da literatura. Foram encontrados 12 artigos que corresponderam ao objetivo da pesquisa, classificados em duas categorias. Perfil do adolescente que se automutila e fatores associados: Os artigos indicam que meninas de 12 a 15 anos são a maioria entre os que se automutilam, o local mais indicado foi o quarto de casa e o motivo principal foi o alívio do sofrimento emocional. Fatores relacionados à prevenção e intervenção no contexto escolar: A escola como principal local de inserção social do adolescente necessita de profissionais capacitados para identificar os casos e abordar os adolescentes que praticam o ato, que também possam promover espaços para que o adolescente tenha oportunidade para falar de si e comunicar modos de lidar com seus sofrimentos e dores. Conclui-se que a automutilação, como fenômeno, necessita ser mais estudada para uma maior compreensão e para que estratégias de prevenção, intervenção e políticas públicas adequadas sejam criadas.

Palavras chave: automutilação; adolescência; autolesão; contexto escolar.

## **ABSTRACT**

Adolescence, as a stage and cycle of human development, brings an infinite number of questions and crises. Self-mutilation can be a strategy for the expression of psycho-emotional content, in addition to communicating and expressing relationships and experiences with the school / teachers, with the family and with their peers. In this study, we sought to understand the associated factors and the relationship with the school context about self-mutilation in adolescence through an integrative literature review. Twelve articles were found that corresponded to the research objective, classified into two categories. Profile of adolescents who self-harm and associated factors: The articles indicate that girls aged 12 to 15 years are the majority among those who self-harm, the most suitable place was the bedroom at home and the main reason was the relief of emotional suffering. Factors related to prevention and

intervention in the school context: The school as the main place for the adolescent's social insertion needs trained professionals to identify the cases and approach the adolescents who practice the act, who can also promote spaces for the adolescent to have the opportunity to speak themselves and communicate ways of dealing with their sufferings and pains. It is concluded that self-mutilation, as a phenomenon, needs to be further studied for a better understanding and for prevention strategies, intervention and appropriate public policies to be created.

Keywords: self-mutilation; adolescence; self-injury; school context.

## **RESUMEN**

La adolescencia, como etapa y ciclo del desarrollo humano, trae una infinidad de interrogantes y crisis. La automutilación puede ser una estrategia para la expresión de contenidos psicoemocionales, además de comunicar y expresar relaciones y vivencias con la escuela / profesores, con la familia y con sus compañeros. En este estudio se buscó comprender los factores asociados y la relación con el contexto escolar sobre la automutilación en la adolescencia a través de una revisión integradora de la literatura. Se encontraron doce artículos que correspondían al objetivo de la investigación, clasificados en dos categorías. Perfil de las adolescentes que se autolesionan y factores asociados: Los artículos señalan que las niñas de 12 a 15 años son la mayoría entre las que se autolesionan, el lugar más adecuado fue el dormitorio de la casa y el motivo principal fue el alivio del sufrimiento emocional. . Factores relacionados con la prevención e intervención en el contexto escolar: La escuela como lugar principal para la inserción social del adolescente necesita de profesionales capacitados para identificar los casos y acercarse a los adolescentes que practican el acto, quienes también pueden promover espacios para que el adolescente tenga la oportunidad. a hablar ellos mismos y comunicar formas de afrontar sus sufrimientos y dolores. Se concluye que la automutilación, como fenómeno, requiere un mayor estudio para su mejor comprensión y para la creación de estrategias de prevención, intervención y políticas públicas adecuadas.

Palabras-clave: automutilación; adolescencia; auto lastimarse; contexto escolar.

## **RESUMÉ**

L'adolescence, en tant qu'étape et cycle du développement humain, apporte un nombre infini de questions et de crises. L'automutilation peut être une stratégie pour l'expression d'un

contenu psycho-émotionnel, en plus de communiquer et d'exprimer des relations et des expériences avec l'école / les enseignants, avec la famille et avec leurs pairs. Dans cette étude, nous avons cherché à comprendre les facteurs associés et la relation avec le contexte scolaire sur l'automutilation à l'adolescence à travers une revue intégrative de la littérature. Douze articles correspondant à l'objectif de recherche ont été trouvés, classés en deux catégories.

Profil des adolescents qui s'automutilent et facteurs associés: Les articles indiquent que les filles âgées de 12 à 15 ans sont majoritaires parmi celles qui s'automutilent, l'endroit le plus approprié était la chambre à coucher à la maison et la principale raison était le soulagement de la souffrance émotionnelle . Facteurs liés à la prévention et à l'intervention dans le contexte scolaire: L'école comme lieu principal d'insertion sociale de l'adolescent a besoin de professionnels formés pour identifier les cas et approcher les adolescents qui pratiquent l'acte, qui peuvent également promouvoir des espaces pour que l'adolescent ait l'opportunité pour se parler et communiquer des moyens de gérer leurs souffrances et leurs douleurs. Il est conclu que l'automutilation, en tant que phénomène, doit être étudiée plus avant pour une meilleure compréhension et pour la création de stratégies de prévention, d'intervention et de politiques publiques appropriées.

Mots clés: adolescence; automutilation; contexte scolaire.

A adolescência, como etapa e ciclo do desenvolvimento do ser humano, traz uma infinidade de questionamentos e crises. O Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (Lei 8.069, de 1990) estabelece que seja o período da vida entre doze e dezoito anos de idade e, em alguns casos excepcionais se estende até os vinte e um anos (artigos 121 e 142). É uma fase que na maioria das vezes se apresenta com questionamentos e contestações, esconde a fragilidade das incertezas de um ser humano em formação que passa a ser cobrado por decisões que definirão o curso de suas vidas.

Almeida, Crispim, Silva, e Peixoto (2018) apresentam que segundo o estudo das teorias psicossociais de Erik Erikson, crescer dói e, cada etapa do desenvolvimento é apresentada como uma crise a ser resolvida. Na adolescência a crise é identidade x confusão de papéis. Uma boa resolução da crise acrescentará habilidades necessárias para continuar a existir de maneira congruente e consciente. Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2003) adicionam à discussão o fato de que a formação da identidade é a tarefa mais importante da adolescência e é influenciada por fatores intrapessoais, aspectos particulares do indivíduo e sua personalidade, fatores interpessoais, aspectos adquiridos nas relações com os outros, e fatores culturais, referente aos valores globais e comunitários aos quais está exposto.

A adolescência é o período, onde na busca pela identidade e o lugar de pertencimento no mundo, é necessário o equilíbrio entre a perda da infância e o ingresso na idade adulta, além das responsabilidades advindas com as transformações. Segundo Eisenstein (2005) caracteriza-se por um período de impulsos do desenvolvimento, físico, mental, emocional, sexual e social, onde o indivíduo se movimenta para alcançar as expectativas impostas diretamente ou subjetivamente pela sociedade na qual o adolescente vive. A autora sugere também que a divisão da faixa etária por termos cronológicos muitas vezes não é o melhor critério, visto que há uma variedade de parâmetros biológicos e psicossociais denominados de

assincronia de maturação, isto deve ser considerado principalmente em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.

O atual contexto sócio histórico tem desprivilegiado o adolescente e dificultado a passagem por essa fase. Não há acesso para a maior parte deles ao esporte, cultura e lazer, que são meios pelos quais o adolescente pode ressignificar seu próprio eu e apreender as habilidades necessárias para uma boa regulação emocional, expressão das suas emoções e construção de identidade. Têm-se ainda uma cultura dos excessos, nas constantes cobranças de vidas e corpos perfeitos, nas relações que se apresentam frequentemente de forma superficial e na pressão familiar e social para ingresso rápido em instituições de ensino superior ou num bom emprego.

A adolescência é um fenômeno relativamente novo, que foi identificado “a partir dos condicionantes de finais do século XIX e inícios do XX”. Compreende formas de subjetivação particulares e que estão em constante mudança, portanto devemos falar de adolescências (no plural). Cada forma de adolecer terá características particulares dependentes de variáveis como gênero, classe social e contexto sociocultural (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002). Para muitos adolescentes o emprego será mais importante que o desenvolvimento educacional, como única estratégia de manutenção da sua própria vida e a dos seus, além de terem que lidar com a reprodução dos mecanismos da violência que atinge principalmente os grupos mais fragilizados no qual a maior parte dos adolescentes brasileiros está inserido.

O comportamento autolesivo está presente na sociedade há muito tempo e acompanha a evolução humana, sendo apresentada como uma forma de expressão de práticas culturais, ritos de sobrevivência de indivíduos e grupos; “nesse sentido, não constitui desvio de uma pretensa naturalidade, e podemos considerá-lo caracteristicamente humano” (Bruna, 2001 *apud* Costa 2010). Segundo Quesada, Aragão Neto, Oliveira e Garcia (2020), em termos

práticos, a automutilação se apresenta como uma opção da pessoa para alívio imediato do sofrimento, uma alternativa para esquecer e/ou substituir a dor e a situação que a provocou, quando não se descobriu meios alternativos para lidar com essa dor psíquica bem como suas manifestações.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5 (APA, 2014) apresenta a automutilação como sintoma de alguns transtornos e, a depender dos comportamentos relacionados, pode ser entendida, como um Transtorno de comportamento repetitivo focado no corpo (F42), ou, como uma Automutilação não suicida, que se encontra na seção condições para estudos posteriores. Como exemplos de comportamentos o referido manual apresenta: cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente, com a expectativa de que a lesão levará somente a um dano físico menor ou moderado sem intenção suicida.

Partindo desses pressupostos, é importante tentar identificar o que o adolescente deseja expressar quando se utiliza de marcas caracterizadas como lesões corporais intencionais. A automutilação pode ser uma estratégia para a expressão de conteúdos psicoemocionais, além de comunicar e expressar as relações e vivências com a escola/professores, com a família e com seus pares.

Arruda (et. al. 2020) em um estudo sobre automutilação entre adolescentes em Pernambuco, no período de 2013 a 2017, apontou que os casos vêm aumentando com o passar dos anos. No período estudado pelos autores, do total de 6559 casos, 27,09% (1777) eram de adolescentes. No ano de 2013 foram 297 registros, por sua vez em 2017 os registros aumentaram para 566 casos. Os resultados ainda sugerem que, no que se refere ao gênero, a maioria era do sexo feminino 72,54% (1289) e, com relação ao critério raça/cor houve predomínio de adolescentes que se autodeclararam pardos, num total de 62% dos casos (1096).

Quando se faz a análise dos estudos já realizados se verifica que ainda existe uma carência de pesquisas que indiquem a prevalência da automutilação em todo o país, mesmo



quando os números apontam para o fato de que nos últimos anos ocorreu um aumento considerável de casos no Brasil, notados principalmente pelas unidades escolares.

A escola é o espaço onde o adolescente mais passa os seus dias. É local de formação não só de educação formal, mas de relacionamento com seus pares. Nessas relações muitas vezes a prática da automutilação é descoberta e comentada, e em alguns grupos iniciada. Por isso a maioria dos casos é identificada por profissionais da educação. Entretanto, segundo Freitas e Souza (2017), a prevenção em saúde é um tema negligenciado nas escolas em relação ao que se considera prioritário no processo ensino-aprendizagem. No contexto escolar o psicólogo se coloca como o profissional que permite a criação de um lugar possível para que se ressalte a singularidade do adolescente e onde possa existir subjetivação (Lopes & Teixeira, 2019).

Nessa perspectiva o governo federal em abril de 2019 sancionou a Lei nº 13.819/2019 que instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio que prevê: a notificação compulsória, de caráter sigiloso, para os casos de tentativa de suicídio e automutilação, por parte de escolas, unidades de saúde e segurança além dos conselhos tutelares; e a criação de um sistema nacional em parceria com estados e municípios, para a prevenção destes agravos, com um serviço gratuito de telefone para atendimento aos cidadãos. Essa lei tem potencialidade para possibilitar o mapeamento dos casos, gerar dados que mostrem os fatores que causam esse fenômeno e os locais de maior incidência; tudo para um melhor direcionamento de verbas na criação de políticas públicas específicas para prevenção, acolhimento e tratamento. (Lei nº 13.819 de 2019)

O estudo teve como objetivo compreender quais os fatores associados e a relação com o contexto escolar acerca da automutilação na adolescência. É relevante e se justifica em virtude das características apresentadas como pertencentes à fase da adolescência que se relacionam ao crescente aumento no número de casos de automutilação entre adolescentes,

fato que ainda carece de estudos para um completo entendimento de como o fenômeno tem acontecido no país.

### **Método**

O método escolhido foi o de revisão integrativa da literatura existente sobre o tema, porque possibilita sintetizar uma amplitude de estudos publicados acerca do tema escolhido, permitindo que haja conclusões sobre uma área de estudo em particular. Um artigo de revisão integrativa torna-se, então, um ponto de partida para pesquisadores de uma área, pois assim eles não precisam realizar buscas extensas e fazer um grande volume de leitura para encontrarem o que desejam, uma vez que esse método otimiza o tempo ao descrever criticamente a base de artigos existentes (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Os artigos escolhidos são resultados de uma busca online realizada nos meses de outubro de 2020 e fevereiro de 2021, nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic) e Google Acadêmico. As palavras chave utilizadas foram: “autolesão, automutilação e autoagressão”, que foram combinados com a utilização do operador booleano “OR”. Essas palavras foram escolhidas porque nos estudos são utilizadas como sinônimos, sendo que no Brasil o termo automutilação é o mais utilizado. Os critérios de inclusão foram: discorrer sobre a prática da autolesão na adolescência, ter sido publicado nos últimos cinco anos e fazer parte de periódico nacional. Todos os artigos tiveram seus títulos e resumos lidos e, 53 preencheram os critérios indicados.

Após a leitura integral dos artigos, foram selecionados aqueles que traziam dados que abordavam os fatores associados à prática de automutilação e o contexto escolar, conforme os objetivos a que se propôs essa pesquisa. Dessa análise foram excluídos 41 artigos que não correspondiam a este critério, restando ao final um total de 12. Estes foram organizados para

categorização e análise a partir de um roteiro estruturado, que considerou os seguintes itens: título do artigo, autores, formação do primeiro autor, periódico de publicação, ano, método de estudo, objetivo, principais resultados que apontavam para os prováveis fatores associados à prática de automutilação na adolescência e o contexto escolar. (Tabela 1)

### **Resultados e Discussão**

Considerando as categorias escolhidas para a análise, os 12 artigos que compõem a amostra foram caracterizados. Segundo o critério ano de publicação, a maioria foi publicado no ano de 2019 (n=5), com um número significativo de artigos também no ano de 2020 (n=3). (Figura 1)

Esses dados sugerem que o interesse em relação ao tema foi crescendo e, provavelmente acompanhou o crescimento da notificação dos casos. No entanto, se constatou que durante a pandemia da COVID – 19, esses estudos sofreram uma queda e, isso pode estar relacionado aos fatores: isolamento social e afastamento dos adolescentes da sala de aula.

Quanto ao critério periódico de publicação, os artigos foram publicados revistas científicas diferentes: dois foram publicados no *Brazilian Journal of Development*, e os demais foram publicados no *Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais*, na *Revista Ciência (In) Cena*, na *Escola Anna Nery*, na *Revista Educação*, na *Humanae*, na *Revista Farol*, na *Revista de Psicologia da IMED*, na *Estilos da Clínica*, na *Educação*, na *Psicologia e Interfaces* e, no *Boletim Academia Paulista de Psicologia*.

Estiveram envolvidos na escrita dos artigos analisados 36 autores. A amostra apresenta, em seu quadro de autores, profissionais de quatro diferentes áreas sendo que os profissionais da área da Psicologia representaram a grande maioria, num total de 75%. É importante chamar a atenção para o fato de os profissionais serem da área da saúde, visto que a prática da automutilação tem sido considerada um problema de saúde pública. (Figura 2)

A grande maioria dos artigos escolhidos trazia uma revisão de literatura, num total de 34%. Logo depois ficaram as pesquisas do tipo *survey* e estudos de caso, com 25% cada. Em terceiro lugar ficaram as pesquisas exploratórias e pesquisas documentais, com 8% cada.

(Figura 3)

A análise dos objetivos e os resultados dos estudos permitiram que fossem classificados em duas categorias, para uma melhor compreensão e, que serão discutidas a seguir:

### **Perfil do adolescente que se automutila e fatores associados**

Silva & Siqueira (2017), realizaram um estudo com o objetivo de identificar o perfil dos alunos que praticam a automutilação em escolas estaduais do município de Rolim de Moura/RO e, identificaram um aumento dos casos de automutilação nos últimos três anos, com uma média de 52 casos. Todas as escolas entrevistadas já haviam identificado casos de estudantes que se automutilam. A pesquisa sugere que as meninas de 12 a 15 anos representam a maioria dos casos, e, como principais sinais que indicam a prática, as escolas destacaram a alteração no padrão comportamental, o uso de roupas de manga longa e de acessórios que permitem esconder os cortes.

Silva, Bezerra e Queiroz (2021), num estudo semelhante em três escolas públicas do bairro Redenção em Mossoró/RN, utilizaram como método a aplicação de um questionário em 300 alunos e a partir das respostas conseguiram identificar 61 alunos que praticavam a automutilação. Outros resultados foram parecidos com o estudo anteriormente mencionado e, as respostas apontaram que a maioria dos praticantes de automutilação eram meninas, na faixa etária entre 10 e 13 anos (50%) e 13 e 15 anos (43%).

No questionário, as respostas para a questão: “Qual a sua atitude diante de uma situação de conflito?”, chamaram a atenção para o fato de que 31,60% dos estudantes responderam que choram e se desesperam sem saber como resolver. Já as respostas para a

pergunta relacionada a como conheceram a prática da automutilação indicaram que 28,20% conheceram a prática através da internet. Os resultados ainda trouxeram que 24,7% dos praticantes disseram sentir alívio por terem “resolvido” o problema, enquanto a maioria esconde de todos ou finge que nada aconteceu. O local apontado como sendo onde mais praticam a automutilação foi em seus quartos, na sua própria casa.

O questionário perguntou ainda sobre quais sugestões poderiam dar sobre como solucionar o problema da automutilação e, algumas ideias foram bem interessantes como a criação de um disk ajuda, procurar um psicólogo e um dos estudantes disse que a solução seria “viver se preocupando menos, aproveitando a vida, sendo quem somos, esquecendo ou perdendo alguém que nos magoou.”.

Para compreensão e análise do fenômeno da automutilação, Belém (et al., 2019), num estudo de identificação das representações sociais sobre a automutilação em adolescentes do 1º e 2º anos do Ensino Médio de duas escolas municipais da cidade do Recife/PE, entrevistaram 214 adolescentes. Com relação à frequência do ato, 57,7% dos alunos indicaram que realizavam com muita frequência e 34,1% de vez em quando. Para 28% dos entrevistados o ato é seguido por uma sensação de vazio, enquanto 22,9% dizem ter um sentimento de bem-estar e alívio e, 20,5% vergonha e tristeza. Com relação à percepção sobre como é considerada (ou percebida) uma pessoa que se automutila, os resultados apontaram que o (a) praticante necessita de tratamento ou acompanhamento psicológico (50,5%), ou se trata de uma pessoa considerada “fraca e triste” (35,5%).

Os entrevistados também indicaram possíveis encaminhamentos, ações e/ou conselhos para uma pessoa que se automutila: 43,5% recomendariam a busca de apoio e/ou ajuda, pois se trata de uma anormalidade; 33,6% disseram que seria necessário questionar sobre as razões da prática. Com relação a se consideram o ato possivelmente grave ou perigoso para o praticante, 71,5% afirmaram que a prática deve vir acompanhada de consequências físicas e

mentais. Quando perguntados sobre praticar ou já terem praticado a automutilação, dos estudantes entrevistados, 42 responderam afirmativamente e 182 afirmaram que consideram essa prática característica da adolescência.

Quando consideradas as representações sociais, elas foram categorizadas nos seguintes itens: automutilação com motivos não ditos especificamente ou não mencionados; sofrimento psicológico como causa para a automutilação; e automutilação como forma de sinalização.

Tardivo, Rosa, Ferreira, Chaves e Pinto Junior (2019) realizaram um estudo com a finalidade de verificar quais aspectos psicológicos dos adolescentes poderiam estar relacionados com condutas de automutilação. Para tal utilizaram, como instrumentos, o Procedimento de Desenhos-Estórias, o Questionário de Depressão Infantil (CDI) e o Inventário Beck de Ansiedade (BAI), além de entrevistas semidirigidas iniciais. Os resultados apontaram traços de insegurança e inadequação, bem como sentimentos de menos valia. Para os autores isso demonstra que os adolescentes estudados tem necessidade de cuidado e compreensão e a automutilação foi interpretada como uma forma de aliviar a dor.

Estudos como esses devem ser amplamente replicados e divulgados, pois permitem a compreensão da automutilação a partir de quem a pratica e/ou presencia o ato, o que faz com que o entendimento esteja próximo da realidade. Dados de estudos que dão voz aos adolescentes são valiosos na construção de políticas públicas que estejam atreladas ao que eles necessitam e, que busquem prevenção, intervenção e ações que promovam uma melhor gestão emocional entre esse público.

Andrade e Li (2020) analisaram a relação do *bullying* com a automutilação através de uma revisão de literatura e, os estudos mostraram que o envolvimento em atos de *bullying* está relacionado de forma significativa com depressão, autoagressão não suicida, transtornos alimentares e suicídio. Partindo do fato de que o que leva à automutilação provem da combinação de vários fatores, as autoras destacaram como as mais relevantes: a “experiência

de violência física e sexual, o abandono em todas as suas formas, famílias disfuncionais, doenças psiquiátricas, e o uso de substâncias psicoativas”.

O estudo também aponta que é necessário ter cuidado durante a análise de possíveis fatores que motivam o ato, para não considerarmos como tais atos que, assim como a automutilação, são sintomas de intenso sofrimento psíquico. O estudo ainda indica que a principal motivação para a automutilação é o alívio para o sofrimento sendo que o antebraço é a parte do corpo mais escolhida para as autoagressões, seguido pelo abdome e região cervical.

### **Fatores relacionados à prevenção e intervenção no contexto escolar**

Cardoso e Camargo (2020), propondo um estudo sobre como estudantes do Ensino Médio em Boa Vista/RR tem se constituído, puderam compreender a possível relação existente entre corpo, corporeidade e aprendizagem e, identificaram que o padrão de beleza vendido pela mídia, o capitalismo, os padrões de consumo, as pressões exercidas pela escola e pela sociedade, na maior parte das vezes, “tem levado a juventude a negarem o próprio corpo.” A compreensão de que a negação do corpo inclui a negação da identidade e do próprio eu, indicou que todo esse contexto é fator de sofrimento e angustia para os adolescentes. Os autores ressaltam que é necessário que mais pesquisas sejam realizadas para que a provável relação entre esse sofrimento e a prática de automutilação seja validada.

Os autores acima citados, ainda apontam para a importância da inserção de profissionais que possam atender a essa demanda de forma adequada, tanto na área da saúde quanto da educação. A partir dessa demanda, é possível destacar o papel do profissional psicólogo, que quando inserido nessas áreas, utiliza o saber que adquiriu sobre a subjetividade e se disponibiliza para matriciar o conhecimento, a fim de que os demais profissionais da equipe possam realizar uma escuta mais eficiente nas suas práticas.

Com o objetivo de mostrar como a Psicologia Escolar tem se colocado diante da problemática da Automutilação na adolescência, Almeida, Crispim, Silva e Peixoto (2018),

ressaltam que existem poucas pesquisas e textos científicos sobre a Automutilação na área da Psicologia Escolar, apesar do ambiente escolar ser o local onde essa prática é mais detectada. Os autores sugerem que a elaboração de projetos específicos sobre temas que abordem o aspecto psicossocial dos alunos seria a principal forma de atuação do psicólogo escolar e, portanto, um caminho para a intervenção. Este serviria ainda como estratégia para “sensibilizar os adolescentes praticantes ou não desse comportamento para que procurem uma forma mais assertiva de expressar seus conflitos interiores”. Além disso, poderiam ser realizadas atividades que promovessem o desenvolvimento de uma boa autoestima, e que permitissem que o adolescente falasse em espaços de construções coletivas sobre suas experiências pessoais (Freitas & Souza, 2017).

Considerando a automutilação e suas narrativas por adolescentes no contexto escolar, Lopes e Teixeira (2019) indicaram uma justificativa para essas propostas de intervenção, quando afirmaram que a escuta na escola realizada por um profissional qualificado possibilitaria dar voz aos adolescentes que se automutilam e, a partir disso, eles poderiam “produzir um saber sobre si, e ao seu modo sustentar seu mal estar”, visto que as marcas no corpo são uma forma de estabilização e comunicação daquilo que os sufocam. Enriquecendo essa análise Sant’Ana (2019) acrescenta que a compreensão da automutilação na adolescência deve ser realizada a partir dos condicionantes histórico sociais que incluem a forma como os adolescentes vivenciam essa fase do desenvolvimento na atualidade. O psicólogo escolar, na sua atuação, deve considerar “as conjunturas presentes na atualidade” e a sua ação deve ser direcionada para “finalidades transformadoras”.

Com a finalidade de conhecer e identificar possíveis condições e relações existentes na prática da automutilação, Bastos (2019) realizou uma pesquisa numa escola pública da cidade de Fortaleza/CE, utilizando como método para a coleta de dados, a técnica de grupo focal com os professores e a diretora da escola. Os resultados apontaram que para a equipe escolar a



automutilação traz questionamentos e enigmas de difícil solução. Os discursos coletados durante a pesquisa foram categorizados nos seguintes temas: condições sociais do fenômeno, onde os professores destacaram como fator relacionado uma condição significativa de vulnerabilidade do bairro onde a escola se localiza; perfil do adolescente e automutilação, onde foram destacadas as condições biopsicossociais do adolescente, como as questões de gênero, mudanças e a necessidade de apoio que ocorrem na fase; e por último, características da automutilação, onde os profissionais trouxeram em suas falas que os adolescentes precisam de ajuda pra superar os problemas que vivem, que quando chamam os pais para relatar a identificação da automutilação em seus filhos muitos negam a situação e se mantêm distantes.

A escola apresentou uma tendência de apontar como principais causas para a automutilação fatores externos como: as condições particulares do adolescente e da adolescência, as características da condição de vulnerabilidade do bairro e as condições identificadas como abandono e negligência por parte da família. Mas não foi considerado o fato de que a escola é o espaço físico e social onde o adolescente passa a maior parte do tempo, o grande volume de aulas que o adolescente tem que assistir, e os conteúdos das aulas e a forma como estes são passados e, que na maior parte das vezes não levam em consideração o próprio adolescente e suas formas de expressão no mundo.

Como estratégias de prevenção de automutilação, considerando o contexto escolar Brito et al. (2020) indicam as seguintes opções: identificar o aluno com comportamento de risco, observá-lo, procurar oportunidades de diálogo com ele, estar atento a necessidade de monitoramento e utilizar as redes de apoio que o aluno possui, dentro e fora da escola. Os autores trazem ainda como desafios, pontuados pelos professores, para que essas estratégias sejam postas em prática: a falta de habilidade para reconhecer os sinais e relacioná-los com o comportamento da automutilação, a inaptidão para a abordagem do aluno em crise, a ausência

de um profissional da área de saúde mental na equipe escolar e a inclusão de temas transversais sobre o assunto nos currículos escolares.

### **Considerações finais**

Este trabalho verificou que a automutilação como fenômeno necessita ser mais estudada para uma maior compreensão e para que estratégias de prevenção, intervenção e políticas públicas adequadas sejam criadas.

O ambiente escolar foi identificado como um ambiente rico não só para coleta de dados, mas também para implantação de estratégias de promoção de saúde mental que tenham entre os seus objetivos o ensino de habilidades sociais e a elaboração de táticas de gestão emocional. O psicólogo inserido nesse contexto tem um papel de destaque, considerando as condições sócio históricas do adolecer e, garantindo que as propostas de ações integrativas possam aumentar o repertório de meios de alívio da dor entre os adolescentes.

Em ultima análise novos estudos devem ser realizados e devem considerar nos seus objetivos as questões relacionadas ao gênero, orientação afetiva, e questões raciais do adolescente que se automutila, bem como os efeitos que a prática de automutilação na adolescência causa no ambiente familiar.

## Referências

- Almeida, R. S., Crispim, M. S. S., Silva, D. S., & Peixoto, S. P. L. (2018). A Prática da Automutilação na Adolescência: O Olhar da Psicologia Escolar/ Educacional. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais (UNIT)*, 4(3), 147-160. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5322>
- Andrade, E. P. & Li, L. D. (2020) As Consequências Do Bullying: Autoagressão e Suicídio no Cotidiano Escolar. *Revista Educação*. 15(1), 15-21. Recuperado em 24 fevereiro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4003>
- Arruda, L. E. S., Silva, L. R., Nascimento, J. W., Freitas M. V. A., Santos I. S. F., Silva, J. T. L., Freitas, T. S., Ferreira, R. J. & Oliveira, E. C. A. (2021) Lesões autoprovocadas entre adolescentes em um estado do nordeste do Brasil no período de 2013 a 2017. *Brazilian Journal of Health Review*, (4)1, 105-118. Recuperado em 09 março, 2021, de <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-011>
- Associação Americana de Psiquiatria. APA (2014) *DSM 5 – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bastos, E. M. (2019) Automutilação de adolescentes: um estudo de caso em escola pública de Fortaleza. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3(3), 156-191. Recuperado em 09 março, 2021, de <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.167>
- Belem, R. C., Lira, E. S., Pessoa, K.A., Araujo, L. F. F., Silva, H. D. N., & Soares, S. E. M. (2019). Representações Sociais sobre automutilação para adolescentes da rede estadual de ensino de Recife. *Revista Humanae (Recife)*, 13(1), 1-14. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <http://humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/article/view/658>
- Brito, M. D. L. de S., Silva Júnior, F. J. G da, Costa, A. P. C., Sales, J. C. e S., Gonçalves, A. M. de S., & Monteiro, C. F. de S. (2020). Comportamento suicida e estratégias de prevenção

sob a ótica de professores. *Escola Anna Nery*, 24(4), 1-7. Recuperado em 09 fevereiro, 2021, de <https://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0109>

Cardoso, E. P. & Camargo, L. M. (2020) A percepção corporal de estudantes do ensino médio em Boa Vista-RR: conflitos e pressões sociais. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, 6(11), 84906-84928. Recuperado em 12 março, 2021, de <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-054>

Costa, A. (2010) O Corpo e Seus Afetamentos. *A peste*, 2(2) p. 313-321. Recuperado em 24 novembro, 2020, de <https://doi.org/10.5546/peste.v2i2.16631>

Eisenstein E. (2005) Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolesc. Saude*. 2(2), 6-7.

Recuperado em 11 abril, 2021, de [http://adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)

Freitas, E. Q., & Souza, R. (2017). Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar. *Revista Ciência (In)Cena*, 1(5), 158-174. Recuperado em 24 novembro, 2019, de

<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/4356>

*Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 14 dezembro, 2020, de

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)

*Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019*. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Brasília, DF. Recuperado em 14 dezembro, 2020, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm)

Lopes, L. da S., & Teixeira, L. C. (2019). Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. *Estilos da Clínica*, 24(2), 291-303. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p291-303>

- Mendes, K. Dal S., Silveira, R. C. de C, P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. Recuperado em 14 dezembro, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
- Quesada, A. A., Aragão Neto, C. H., Oliveira, J. M. de & Garcia, M. S. (2020) *Noções gerais sobre a automutilação*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.
- Sant'Ana, I. M. (2019). Autolesão não suicida na adolescência e a atuação do psicólogo escolar: uma revisão narrativa. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(1), 120-138. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.3066>
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M. & Silveira, E. F. de M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 107-115. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>
- Silva, A. C. A., Bezerra, A. R. L. M. & Queiroz, K. C. F. (2021) Autolesão (cutting): uma problemática (não tão) oculta nas escolas públicas de Mossoró/RN. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, 7(2), 14514-14530. Recuperado em 12 março, 2021, de <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-193>
- Silva, M. F. A. & Siqueira, A. C. (2017) O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura - RO. *Revista Farol*, 3(3), 5-20. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/38>
- Tardivo, L. S. de la P. C., Rosa, H. R., Ferreira, L. S., Chaves, G. & Pinto Júnior, A. A. (2019). Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 39(97), 159-169. Recuperado em 19 de janeiro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2019000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200002&lng=pt&tlng=pt)

Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. de S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, 14(2), 133-147. Recuperado em 24 novembro, 2019, de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000200007>

Tabela 1

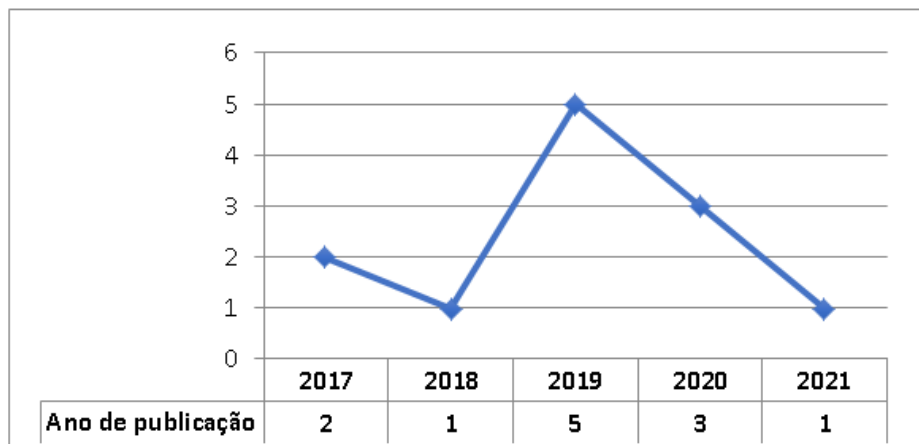
*Categorização e análise*

<b>N</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (Ano)</b>	<b>Formação do 1º autor</b>	<b>Periódico de Publicação</b>	<b>Método</b>
1	A prática da automutilação na Adolescência: o olhar da Psicologia Escolar/educacional	Almeida, R. S., Crispim, M. S. S., Silva, D. S., e Peixoto, S. P. L. (2018).	Psicologia	Cadernos de graduação: Ciências Humanas e Sociais	Revisão bibliográfica
2	Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar	Lopes, L. da S., e Teixeira, L. C. (2019)	Psicologia	Estilos da Clínica	Estudo de caso
3	Automutilação na Adolescência: Prevenção e Intervenção em Psicologia Escolar	Freitas, E. Q., e Souza, R. (2017).	Psicologia	Revista Ciência (In) Cena.	Revisão bibliográfica
4	Autolesão não Suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa	Sant'Ana, I. M. (2019).	Psicologia	Revista de Psicologia da IMED	Revisão Narrativa
5	A percepção corporal de estudantes do ensino médio em Boa Vista-RR: conflitos e pressões sociais	Cardoso, E. P. e Camargo, L. M. (2020)	Educação Física	Brazilian Journal of Development	Estudos de casos
6	Autolesão (cutting):	Silva, A. C.	Psicologia	Brazilian	Survey

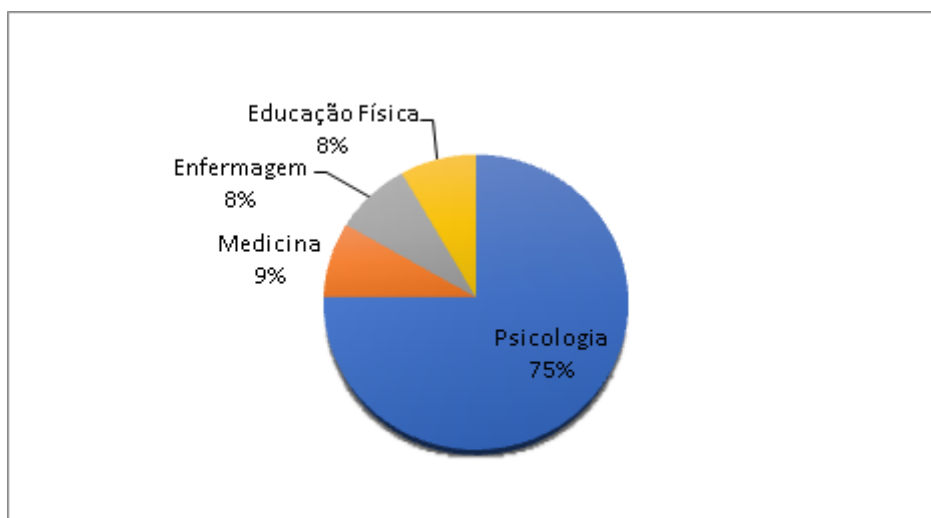
	uma problemática (não tão) oculta nas escolas públicas de Mossoró/RN	A., Bezerra, A. R. L. M. & Queiroz, K. C. F. (2021)		Journal of Development	
7	As Consequências do Bullying: Autoagressão e Suicídio no Cotidiano Escolar	Andrade, E. P. e Li, L. D. (2020)	Medicina	Revista Educação	Revisão de literatura
8	Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo	Tardivo, L. S. de la P. C., Rosa, H. R., Ferreira, L. S., Chaves, G. e Pinto Júnior, A. A. (2019).	Psicologia	Boletim Academia Paulista de Psicologia	Estudo de caso
9	Automutilação de adolescentes: um estudo de caso em escola pública de Fortaleza	Bastos, E. M. (2019)	Psicologia e Assistência Social	Educação, Psicologia e Interfaces	Exploratória/ grupo focal
10	Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores	Brito, M. D. L. de S., Silva Júnior, F. J. G da, Costa, A. P. C., Sales, J. C. e S., Gonçalves, A. M. de S.,	Enfermagem	Esc Anna Nery	Pesquisa ação



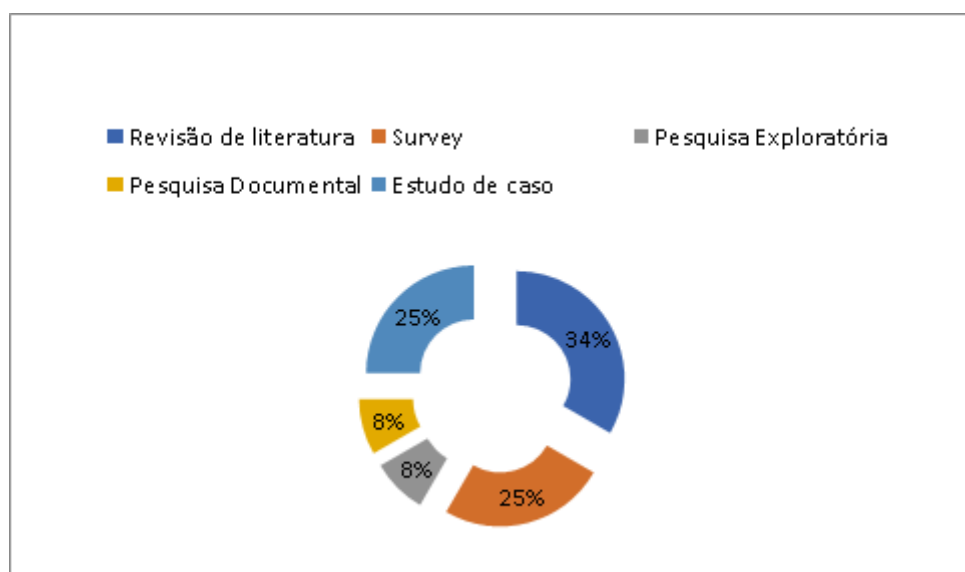
		e Monteiro, C. F. de S. (2020)			
11	O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura - RO	Silva, M. F. A. & Siqueira, A. C. (2017)	Psicologia	Revista FAROL	Survey
12	Representações Sociais sobre automutilação para adolescentes da rede estadual de ensino de Recife	Belem, R. C., Lira, E. S., Pessoa, K.A., Araujo, L. F. F., Silva, H. D. N., & Soares, S. E. M. (2019).	Psicologia	HumanÆ.	Survey



*Figura 1 Análise dos artigos por ano de publicação*



*Figura 2 Análise dos artigos por área de formação*



*Figura 3 Análise dos artigos por método de estudo*